

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ana Beatriz Detoni Da Silva

HERANÇAS DE UMA AUSÊNCIA PATERNA

Santo Antônio de Pádua / RJ

2024

ANA BEATRIZ DETONI DA SILVA

HERANÇAS DE UMA AUSÊNCIA PATERNA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadores: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho.

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Me. Allan de Aguiar Almeida - Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Me. Dinart Rocha Filho - Faculdade Santo Antônio de Pádua

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...

Antoine de Saint-Exupéry - O Pequeno Príncipe

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, por ser minha força nos momentos de fraqueza e por dar-me sabedoria nas ocasiões de incerteza. Sua presença norteou e guiou meu caminho.

A minha amada sobrinha, sou grata pela sua existência. Sua chegada veio para me ensinar a definição do amor, você trouxe propósito para minha vida e curou todas as minhas dores. Giovana, você e seu lamentoso abandono paterno é motivo da realização deste artigo. Mas saiba que não sinto pena por você não ter convívio com seu genitor, de maneira oposta, compadeço-me de seu genitor, por renunciar o amor. Tenho pena, pois o mesmo renunciou conviver com a personificação da felicidade e amor. Como diz o pensador Rodrigo Souza, um homem sem amor é como um homem sem alma, não vive, apenas sobrevive, pois já está morto, apenas não sabe dizer. Giovana tu és um presente de Deus como significa seu nome, é honroso conviver contigo.

Minha gratidão e amor aos meus pais. À minha mãe por me proporcionar todo o amor e cuidado que não recebeu, por me ensinar o quão forte uma mulher pode ser. Ao meu pai por me incentivar e acreditar que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou. Mãe, amo sua essência, sua risada escandalosa, seus olhares desconfiados, seu jeito de encontrar soluções para os problemas impossíveis. Pai amo sua honestidade, simplicidade, determinação e sabedoria. Graças a vocês sei o que é ser feliz, amada e protegida. Sem o apoio de vocês, eu jamais conseguiria conquistar tudo o que conquistei.

Minha eterna gratidão a Prof.^a Me. Adriana Ruback por plantar em mim a semente da curiosidade. O seu amor pela psicologia é contagiante, eu não seria a mesma profissional sem suas aulas repletas de amor e cuidado. Meu agradecimento ao Prof. Me. Dinart Rocha Filho e sua terrível caneta vermelha, obrigado por sua paciência para explicar minhas inúmeras dúvidas e exigir o meu melhor.

HERANÇAS DE UMA AUSÊNCIA PATERNA

Ana Beatriz Detoni da Silva

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua

RESUMO

A família não é um componente estático, mas sim mutável que acompanha a dinâmica social, histórica e cultural de qualquer povo. Sendo assim, em decorrência das transformações sociais, culturais e familiares ocorridas no contexto histórico, o papel e função da figura paterna passou por mudanças significativas na sociedade. O papel paterno é reconhecido como importante no desenvolvimento da criança e a interação entre pai e filho é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social. Este trabalho teve como objetivo descrever como o abandono paterno pode implicar negativamente em diferentes repercussões no desenvolvimento infantil, evidenciando as variáveis mais recorrentes que contribuíram para carência da figura paterna na criação dos filhos. A metodologia do presente estudo é uma revisão bibliográfica de artigos científicos e livros sobre a figura paterna e sua importância no desenvolvimento do indivíduo, também apresenta uma discussão sobre a temática. Tornou-se evidente que a ausência paterna é um fator gerador de grandes implicações no desenvolvimento infantil sob este contexto, esta gera alterações comportamentais e psicológicas, quando não se tem presente alguém que assuma a função da figura paterna de forma satisfatória, as crianças têm grande vazio emocional, dificuldades em seguir regras, e terão muitas dificuldades de estabelecer vínculos, baixa autoestima e problemas de confiança em si mesma.

Palavras-chave: Ausência paterna; Influência; Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

A figura paterna vem apresentando modificações devido mudanças significativas na estrutura familiar. Costa (2004 *apud* SILVA, 2010), elucida que o homem era uma figura envolvida com o poder, que ocupava o espaço do público e uma figura distanciada da família, a ele cabia o pulso forte sobre a mulher, a autoridade de marido e pai era reforçada e permaneceu social e juridicamente intocável durante todo o Brasil Colônia e pelos anos de Império e República que se seguiram. No entanto, vários fatores contribuíram para uma mudança acelerada dos novos arranjos familiares,

entre eles, o movimento feminista, a entrada da mulher no mercado de trabalho, divórcio, legitimidade de uniões extracasamentos e outras.

Todavia, a sociedade brasileira ainda é marcada por uma cultura machista, que isenta os pais de responsabilidades afetivas em relação aos filhos, sustentando a crença de que cabe às mulheres o papel de prover cuidados e carinho às crianças. Sendo assim, a ausência paterna é um tema rico e complexo que perpetua a sociedade. Essa temática extrapola o campo da psicologia e já é objeto de interesse, estudo e análise de outras áreas e com os diversos fatores individuais de cada caso, a relevância desse tema encontra-se devido à modificação da estrutura familiar atual, na qual, observa-se a crescente ausência da presença paterna no desenvolvimento infantil. O conceito de ausência paterna é de difícil definição, sendo usado para referir diferentes situações. Para fins deste estudo, será considerado ausência paterna a existência da distância física e emocional entre pai e filho.

Os pais propiciam segurança, apoio emocional, proteção. Do mesmo modo, concede uma satisfação das necessidades psicológicas e sensação de bem-estar emocional. A presença paterna é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo social, facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na sociedade. Eizirik e Bergmann (2004), afirmam que a ausência do pai tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o desenvolvimento de distúrbios de comportamento agressivos. A pergunta norteadora desse estudo, é: quais as causas que geram esse abandono e como ele pode impactar o desenvolvimento infantil? Nesse sentido, este trabalho se concentrará em entender as modificações da estrutura familiar, realizará um levantamento sobre as variáveis mais recorrentes que ocasionam a ausência paterna, consecutivamente explicitar as consequências causadas pela ausência da figura paterna. O artigo também conterá a apresentação de um caso.

Para alcançar esses objetivos, a metodologia utilizada para pesquisa e escrita deste artigo foi uma revisão de literatura através de livros, sites, artigos, entrevista, bases de dados e periódicos como *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e *Google Scholar*.

Um dos maiores problemas na criação de filhos é ausência de uma figura paterna, seja o pai, tio, avô ou qualquer outra figura masculina que tenha vínculos satisfatórios com os mesmos. Ainda que a falta de um dos modelos na educação

familiar, seja masculino ou feminino, resultará em desequilíbrio na criação dos filhos (BENCZIK, 2011).

REPERCUSSÃO DA AUSÊNCIA PATERNA

A família não é um elemento estático, mas sim dinâmico, pois acompanha a dinâmica social, histórica e cultural de qualquer povo. Efetivamente, a estrutura familiar tem passado por mudanças na sociedade contemporânea, com uma diversidade cada vez maior de arranjos familiares sendo observados entre os diversos grupos sociais quebrando estereótipos. De acordo com Roudinesco (2003), na evolução histórica da família concebe-se três grandes fases, cada fase com características próprias, quais sejam: família tradicional, moderna e contemporânea. Diante disto, no que tange à paternidade, percebe-se que o lugar do pai dentro do ambiente familiar passou por mudanças importantes ao longo dos tempos, mudanças estas que não podem ser compreendidas fora do seu contexto histórico e social. A figura paterna, por muito tempo, ocupou um lugar central e privilegiado, o pai era visto como o provedor, capaz de suprir as necessidades dos filhos, o cabeça inquestionado considerado como uma figura soberana, o controle pleno da casa, da mulher e dos filhos, dispondo de poder.

Para Gomes e Resende (2004), em um recente período da história o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança entendendo seu papel de pai predominantemente como provedor material, de modo que a compreensão mais profunda sobre as relações pais-filhos e os caminhos da paternidade não eram empreendidos.

O distanciamento entre o homem e os demais membros do núcleo familiar denuncia-se na fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se trata de crianças do sexo masculino. Penetrar este silêncio e entender a questão do pai, tendo como eixo a identidade masculina, culturalmente determinada, tem sido tarefa de estudos, que colocam em perspectiva experiências contemporâneas de paternidade (RESENDE, 1997 p. 46).

Entretanto, esta situação vem-se modificando, de acordo com Tarnowski, Próspero e Elsen (2005), a sociedade atravessa atualmente uma crise de indefinição dos papéis sociais, que devem ser atributos do masculino ou do feminino. Há cobranças de atitudes e comportamentos dos jovens pais, que provocam sentimentos contraditórios e ambivalentes, sem lhes dar em contrapartida um porto seguro, um modelo, ou uma estrutura de acolhimento. Essas reversões de tarefas públicas e domésticas entre os gêneros e bem explicada por Cerveny, 1997:

“[...] ao homem criado desde pequenino para ser “macho”, “durão” provedor e protetor, se cobra de repente que seja “sensível”, colaborador... Criado para competir na “selva” do mercado de trabalho é agora convidado a dar mamadeiras, a trocar fraldas. Criado para prover, agora dele se espera que se reveze com a mulher nos cuidados com o bebê, enquanto ela sai, trabalha e ganha seu próprio dinheiro. À mulher criada desde pequenina para ser “suave”, “sensível”, “compreensiva” e “meiga”, se cobra de repente que seja “indiferente”, “competitiva”, “agressiva” no mercado de trabalho e que progrida profissionalmente.” (CERVENY, 1997 p. 64-65)

Na pesquisa de Borsa e Nunes (2011) foi verificado que ao longo da história sempre foi dado mais evidência sobre a importância e a relação da mãe com o bebê, e que essa supervalorização da maternidade pode de certa forma afastar e/ou dificultar que os pais assumam essas funções paternas. A atribuição de cento e vinte (120) dias ou mais, de licença maternidade e apenas cinco (5) dias de licença paternidade, com extensão do prazo caso haja ausência da mãe, evidencia a fala de Borsa e Nunes.

A sociedade brasileira ainda é marcada por uma cultura machista, que isenta o pai de responsabilidade afetiva com seus filhos, incumbindo a mulher o dever de cumprir o papel de prover cuidados e carinho às crianças. Com isso, muitos genitores exclusivamente relacionam pagar pensão, ou até mesmo prover alimentos, como cumprimento de seu papel como pai.

A família contemporânea, pressupõe a união, ao longo de uma duração relativa, de dois sujeitos em busca de relações íntimas ou realização sexual (PEREIRA, 2011; ROUDINESCO, 2003), em outros termos, o casamento não é mais um pacto familiar indissolúvel, mas sim um contrato livremente consentido entre um homem e uma mulher que “repousando no amor, dura apenas enquanto durar o amor” (ROUDINESCO, 2003, p. 39). Perante tais mudanças, o número de divórcios, separações e recomposições conjugais aumentaram consideravelmente, ocasionando uma multiplicidade de arranjos familiares envoltos em complexidade.

Com este panorama, os diferentes papéis que a mulher passa a assumir, além daqueles já consolidados no âmbito doméstico de esposa e de mãe, sugerem uma nova configuração da maternidade, o que, por sua vez, implica necessariamente em uma nova configuração para o exercício da paternidade (RAMIRES, 1997; SILVA, 2010).

Segundo Tarnowski; Próspero e Elsen (2005), com a mudança de concepção da função e do papel de pai e com a rápida ascensão do número de separações/divórcios, bem como o afastamento do pai no contexto familiar, convívio limitado entre genitores e filhos, comportamentos abusivos e filhos de relações extraconjugais e negligência introduziu-se uma vertente de pesquisas que passou a investigar as repercussões da ausência paterna.

No Brasil, as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o número de divórcios chegou a 420 mil casos. No ano de 2022, o número de separações deu um salto de 386 mil para 420 mil, um aumento de 8,6%. Desse total 340.459 divórcios ocorreram por meio judicial e 79.580 extrajudiciais. Os divórcios judiciais concedidos em 1ª instância corresponderam a 81,1% dos casos. (BRASIL, 2022)

Os dados acima indicam certa mudança na estrutura das famílias e, por consequência, um maior índice de ausência da pessoa do pai no convívio com a família.

Sendo a família um ambiente tão importante, o abandono por parte de um dos membros pode causar muitos danos no desenvolvimento psíquico da criança, visto que, o pai representa a possibilidade de equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real.

Pereira (2003) salienta que:

Mesmo que se atribua uma paternidade pela via do laço biológico, jamais se conseguirá impor que o genitor se torne o pai. (PEREIRA 2003, p. 223).

INFLUÊNCIA DO ABANDONO PATERNO NA SAÚDE PSICOLÓGICA DOS FILHOS E EM SEU DESENVOLVIMENTO HUMANO

De acordo com Papalia; Olds e Feldman (2006), o desenvolvimento humano é complexo e seu estudo deve ser multidisciplinar com participação da psicologia,

psiquiatria, sociologia, antropologia, biologia, genética, ciência da família, educação, história, filosofia e medicina. O crescimento depende de um contexto histórico, cada um desenvolve-se dentro de um conjunto específico de situações ou condições definidas por tempo e lugar.

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma criança, e através desta que os primeiros contatos são estabelecidos. A família precisa ser um local de amparo para cada criança, onde haja a manutenção dos sentimentos primordiais como amor e compreensão. Vygotsky (1998), traz que o desenvolvimento do indivíduo é construído pelas interações que o indivíduo estabelece no seu contexto histórico e cultural em que ele está inserido. O ambiente influencia no desenvolvimento intelectual do ser humano, portanto, os exemplos sociais são importantes em sua teoria a qual enfatiza que o desenvolvimento vem de fora para dentro.

Segundo Mesquita Filho (2010 *apud* PIRES, 2017) na família que o indivíduo forma seus primeiros e mais fortes vínculos afetivos, que podem perdurar por toda sua vida, os vínculos com seus cuidadores. Sendo a família um ambiente tão importante, o abandono por parte de um dos membros pode causar muitos danos. Pereira (2003), alega que o abandono material não é o pior, mesmo porque o Direito tenta remediar essa falta, oferecendo alguns mecanismos de cobrança e sanção aos pais abandonônicos, o mais grave é o abandono psíquico e afetivo, a não-presença do pai no exercício de suas funções paternas, como aquele que representa a lei, o limite, segurança e proteção.

As mazelas psicológicas geradas nesse processo podem acompanhar uma criança por toda a vida, uma vez que ela precisará lidar, para sempre, com o peso do abandono.

Pais estéreis, aqueles que se encontram incapazes de amar os filhos, assim não conseguindo desfrutar da paternidade, pois não sentem como se os filhos fossem seus, entregando essa responsabilidade à mãe, acreditando que somente ela teria o direito a maternidade. (ALENCAR e MORAES, 2017, p. 57).

Os seres humanos têm necessidades de vários tipos as mais evidentes são as fisiológicas. No entanto Guimarães (2013), alega que a condição humana vai além, a satisfação das necessidades físicas e intelectuais é apenas uma parte de sua vivência familiar, o afeto, carinho, amor, cuidado e a atenção emocional constituem a formação da personalidade. O autor expõe a maior necessidade de afeto na infância e

adolescência, pois nesta fase existe maior vulnerabilidade e necessidades especiais. A sua carência é geralmente preenchida no seio familiar. De acordo com Benczik (2011), a presença paterna na família é diferente e complementar à materna. A falta de um modelo na educação, masculino ou feminino, implica em um desequilíbrio naquele que é educado, acarretando prejuízos. A interação pai/filho é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração na comunidade.

Guimarães (2013 *apud* PIRES, 2017), explicita que:

A família, portanto, é vista na psicologia como ambiente vital ao desenvolvimento do indivíduo, sua vida posterior, como adulto, ao atingir a maior idade, será diretamente afetada pelas experiências da infância, e um dos principais, se não o principal, ambientes de vivência nesta fase da vida é o familiar. (GUIMARÃES *apud* PIRES, 2017, p. 15)

Eizirik e Bergamann (2004) afirmam que a falta da figura paterna pode originar, conflitos psicológicos, lapsos nos relacionamentos interpessoais, acarretada por dificuldades nas interações, sensação de abandono, excesso de raiva, ressentimento, transtornos de ansiedade e depressão. Esses conflitos, se agravados podem persistir ao longo da vida adulta. Muza (1998 *apud* EIZIRIK e BERGAMANN, 2004) evidencia a importância do papel paterno para o desenvolvimento dos filhos na entrada na adolescência, quando “a maturação genital obriga a criança a definir o seu papel na procriação”. O autor esclarece, as crianças sem convivência com o pai acabam tendo problemas de identificação sexual, dificuldades de reconhecer limites e regras de convivência social.

Jung (1978), descreve que a convivência com a figura paterna é de suma importância para o desenvolvimento e diferenciação dos conteúdos arquetípicos do “animus” na mulher. Na teoria dos arquétipos de “animus” representa a contraparte masculina na psique feminina, influenciando como as mulheres percebem e interagem com o mundo ao seu redor. A ausência paterna é experienciada pela mulher de maneira especial. (JUNG, 1928/1978, SANFORD, 2004).

Sanford (2004 *apud* ANTONIO, 2012) observa que:

As mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas pela figura paterna muitas vezes se engajam em relacionamentos amorosos que parecem ter a função de preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais ausentes. Desse modo, as mulheres parecem depositar nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas

de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância. Nesse contexto, é praticamente inviável um relacionamento saudável e equilibrado, pois as mulheres se encontram em estado constante de submissão e dependência (SANFORD *apud* ANTONIO, 2012, p. 822).

Em síntese, pode-se afirmar que o abandono paterno provoca prejuízos que persistem ao longo da vida. De acordo com Ferrari (1999), a ausência paterna provoca prejuízos como dificuldades na construção da identidade, da individualidade e de limites pessoais, tristeza, melancolia, agressividade e violência, os tímidos e temerosos do exterior se fecham em si mesmos, e os extrovertidos e temerosos do interior de sua história se vingam no mundo com condutas anti-social. O autor prossegue sua fala mencionando que as crianças desenvolvem a crença de não serem amadas pelo genitor que está ausente, com uma grande desvalorização de si mesmas em consequência disso. Além dessa autodesvalorização, ocorrem os sentimentos de culpa por ser uma criança má, por haver provocado a separação, por ter nascido. A criança pensa ser má por ter sido deixada. Trapp e Andrade (2017), descreve que as interações entre pais e filhos são desajustadas ou distantes os resultados poderão levar a criança ou o adolescente a formas de comportamento inadequados.

Vygotsky (1998), diz que na infância, os seres humanos internalizam as atividades externas com que tem contato, reconstruindo-as internamente e transformando processos interpessoais em intrapessoais, que adiante serão a base de novas relações.

Conforme Ferrari (1999), a presença de ambos os pais é que permite à criança viver de forma mais natural os processos de identificação e diferenciação. Desta maneira, compreende-se que o abandono paterno durante o desenvolvimento infantil é traumático, visto que a figura do pai desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional e comportamental da criança. Entretanto, certos fatores podem tanto reduzir quanto intensificar a repercussão do trauma. Eizirik e Bergmann (2004), relata que fatores como o papel materno, abrangendo a saúde e os recursos emocionais da mãe, o vínculo saudável com o filho e a existência de uma estrutura de apoio podem minimizar o impacto traumático do abandono. Em contrapartida, um relacionamento familiar onde há distorção dos papéis e o filho é tratado como figura parental, devido à fragilidade e instabilidade emocional dos pais, como em situações

de separação ou conflitos conjugais, pode provocar diversos danos emocionais na criança. (MELO *et. al.*, 2020).

Trapp e Andrade (2017), declaram que sem a figura do pai, o filho pode conhecer várias consequências, como: perda de equilíbrio e uma série de conflitos psíquicos, no seu desenvolvimento. Vale destacar que, estas e muitas outras consequências podem não ser imperativas, mesmo que a presença da figura paterna seja importante para a vida da criança e futuro adulto.

Os pais têm papel fundamental na formação do indivíduo, do seu caráter, dos seus valores, os pais são a referência da criança, as pessoas com quem se identificará. Isso porque as crianças são como viajantes recém-chegados a um país estranho, do qual nada sabem. Crianças e adolescentes necessitam, assim, de uma base familiar sólida. (TRENTIN *apud* TRAPP e ANDRAD, 2017, p. 35)

Corneau (1991 *apud* BENCZIK, 2011), elucida a presença do pai como facilitadora da passagem da criança do contexto familiar para o mundo social, e através desse vínculo estabelecido com a criança, a mesma expressa sua agressividade, receber autoafirmação, exploração do meio e autodefesa, sendo conceitos fundamentais para o convívio em sociedade.

PERCEPÇÃO DO ABANDONO PATERNO EM FILHOS ADULTOS

Partindo de histórias de filhos sem o reconhecimento paterno, este capítulo discutirá os impactos emocionais e comportamentais da ausência paterna nos filhos em fase adulta. Faz-se mister salientar que as narrativas aqui expostas foram retiradas de domínio público, citando os autores.

A literatura aponta que a participação efetiva do pai na vida de um filho promove segurança, autoestima, independência e estabilidade emocional. Segundo Rosa (2004), para o filho, é muito importante contar não só com a presença física do pai, mas sentir-se desejado e confirmado pelo pai, evidenciando a importância do mesmo para o seu desenvolvimento emocional.

Os estudos de Lima (2012), apresentam a narrativa de Sofia. Seu pai abandonou a família e recusou estabelecer um vínculo afetivo com a mesma, após separação nunca mais procurou saber notícias da filha. O autor elucida em seu estudo que Sofia expressa alguns indicadores de ansiedade, depressão, baixa autoestima,

angústia, dificuldade para dormir e concentrar-se. Sofia apresenta crenças de desvalor e desamor. De acordo com Pollack (1999) a rejeição é dolorosa, provoca incertezas a respeito do próprio valor e com intuito de preservar-se de outra rejeição, recusam-se a oferecer aos outros o amor por temerem receber em troca a indiferença.

Dias (2016) expõe:

A falta de convívio dos pais com os filhos, em face do rompimento do elo de afetividade, pode gerar severas sequelas psicológicas e comprometer o seu desenvolvimento saudável. A omissão do genitor em cumprir os encargos decorrentes do poder familiar, deixando de atender ao dever de ter o filho em sua companhia, produz danos emocionais merecedores de reparação. Se lhe faltar essa referência, o filho estará sendo prejudicado, talvez de forma permanente, para o resto de sua vida. [...] Tal comprovação, facilitada pela interdisciplinaridade, tem levado ao reconhecimento da obrigação indenizatória por dano afetivo. Ainda que a falta de afetividade não seja indenizável, o reconhecimento da existência do dano psicológico deve servir, no mínimo, para gerar o comprometimento do pai com o pleno e sadio desenvolvimento do filho (DIAS, 2016, p. 138-139).

Em relação aos efeitos gerados pelo abandono, Souza (2009) expressa os pedidos indenizatórios com fulcro no abandono afetivo existem porque as dores não são palpáveis, mas são reais. As sequelas são provadas por laudos periciais de especialistas: Psicólogos, Assistentes Sociais, dentre outros; prova documental, como boletins escolares e fotografias; depoimentos de testemunhas, além de interrogatório minucioso do Juiz competente.

Nos estudos de Damiani e Colossi (2015), a respeito da ausência física e afetiva do pai encontra-se narrativas de filhos que vivenciaram a falta do pai em seu desenvolvimento. Dentre as narrativas divulgadas observa-se respostas distintas em cada indivíduo. O participante (sic A), relata que vivenciou uma relação insatisfatórias com o pai, a ausência afetiva paterna interferiu em sua autoestima e acarretou crenças de desamparo. Semelhantemente o participante (sic C), experimentou da carência física do pai. Este fato, originou-lhe um comportamento frio e prático, trouxe dificuldades no relacionamento com pessoas e dificuldades afetivas.

Eizirik e Bergmann (2004) em seus estudos explicitam como a relação pai e filho revela-se primordial para evitar o aparecimento de conflitos de personalidade e problemas para relacionar-se socialmente. Confirmando como a participação do genitor auxiliará a autoafirmação, autodefesa e conhecimento do meio, dentre outras questões para o seu desenvolvimento.

Em contrapartida, a declaração da participante (sic D) descrita no estudo de Damiani e Colossi (2015) é oposta a narrativa de (sic A). Em seu relato (sic D) alega não conseguir listar em que a presença paterna interferiu em sua vida, embora sinta que tenha tido alguma forma de interferência. A mesma prossegue seu relato, afirmando não sentir falta do pai biológico e não ter criado expectativas acerca da figura paterna durante sua infância, adolescência e no seu momento de vida atual, pois seu padrasto desempenhou uma possível função paterna.

Levando em consideração estes fatores as autoras acima citadas discutem que a ausência paterna podem ser percebidas de diferente forma pelos filhos e influenciar no desenvolvimento de maneiras distintas. Sendo importante considerar outros fatores quando se trata desse tema como, por exemplo, os recursos individuais do filho, o manejo dos membros da família, os recursos emocionais da mãe e a presença de uma rede de apoio.

Em conformidade, a pesquisa de Lustosa (2016) elucida que os vínculos erguidos nas relações das famílias chefiadas por mulheres expõem a diversidade de como os filhos recebem e notam o afeto vindo pelos parentes mais próximos. Cada um destes filhos reconhece de uma maneira a ausência paterna e o empenho materno na sua criação. Seja este afeto apenas de figura feminina, ou não, obtém apoio por meio de transferência de solidariedade, afeto e presença.

Do ponto de vista psicológico, é impossível pensar qualquer ação humana que não seja imbuída de afeto, desde uma perspectiva cognitiva, passando pelo social e intrapsíquico. O afeto é uma contingência sempre presente nas interações humanas. Mais do que isso, o afeto é essencial para a sobrevivência humana (MENDES; ALMEIDA e MELO 2021 p. 677)

Ferreira (2004 *apud* LOPES, 2010), enfatiza a relação de afeto com a função paterna

A verdadeira função do pai vem de dentro: vem da alma, vem do desejo de ter o filho, do calor de abraçar o filho, da possibilidade de se perpetuar no filho. A grande função do pai – como da mãe – é amar, e amar é priorizar o bem-estar do outro. No caso da função paterna, o outro é o filho, e o amor, nessa relação, é expresso por cuidados materiais, educacionais e espirituais, prestados afetivamente (FERREIRA 2004, p.82)

O meio familiar é a esfera que as gerações deparam-se, mas protegem-se, cuidam-se uns dos outros direta ou indiretamente. Conforme Dejours (2005 *apud*

LUSTOSA, 2016) negar ou desprezar a afetividade é nada menos do que rejeitar ou desprezar o homem, sua humanidade, o que é negar a própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção e estrutura da família passa por mudanças. É válido afirmar que falar de família e suas definições e concepções é bastante complexo, a família é um grupo que não se determina ao laço material e biológico, mas, inclui, também, o laço social e afetivo através de uma interação e colaboração mútua entre os membros. A temática da ausência paterna está intrinsecamente ligado ao contexto familiar. O presente pesquisa buscou apresentar as causas mais periódicas que geram o distanciamento do pai no eixo familiar e evidenciar como a ausência paterna influencia o desenvolvimento. A partir das análises obtidas, nota-se que a falta da figura paterna acarreta em impactos e prejuízos nos âmbitos emocionais, cognitivos, comportamentais e sociais, estabelecendo à mãe ou um membro próximo a competência de compor essa ausência, pois tanto o afeto paterno quanto materno, representam a possibilidade do equilíbrio como regulador da capacidade da criança ou do jovem investir no mundo real.

Destaca-se que a afetividade é um elemento importante para um desenvolvimento biopsicossocial apropriado do sujeito, como explica os autores citados. Sendo assim, é essencial compreender que os efeitos da ausência da figura do pai no decurso do desenvolvimento é um fator singular na história de cada indivíduo, embora ocorra padrões de comportamentos recorrentes a cerca de uma análise psicossocial e comportamental. Desta forma, percebe-se que os efeitos da falta paterna resulta em consequências distintas.

Com esta compreensão pode-se ressaltar a importância da presença da figura paterna para a criança e adolescente, não só para colaboração no desenvolvimento de habilidades, mas principalmente para não produzir crenças de desamor, desvalor e desamparo. Com a realização da pesquisa, foi possível certificar que os impactos originados pela ausência paterna ultrapassam o setor afetivo, provoca consequências em outras esferas da vida tais como: financeiras, comportamentais, educacionais, sexuais e sociais.

Por fim deixa-se a proposta da necessidade do aprofundamento de pesquisa nesta temática.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. L. D. **O impacto da figura paterna no desenvolvimento do indivíduo.** 2017.

BENCZIK, E. B. P.. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil.** Rev. psicopedag. 28(85), 2011, p. 67-75. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>.

BORSA, J. C., e NUNES, M. L. T. **Aspectos psicossociais da paternidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear.** Psicol. Argum, Curitiba. 29(64), 2011, p. 31-39.

BRASIL, IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Registro civil.** 2022 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 de junho 2024.

CEVERNY, C. M. O. **Família e o ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DAMIANI, C. C.; COLOSSI, P. M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. **Pensando Famílias.** Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 1-16, 2015.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2016.

EIZIRIK, M.; BERGMANN, D. S. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 26, n. 3, p. 330-336, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rprs/a/VL5NfS6HGGr99Z9td3374FM/?lang=pt>>. Acesso em: 19 de set. 2024.

FERRARI, J. L. ¿Por qué es importante el padre? In: FERRARI, J. L. **Ser padres en el tercer milenio.** Mendoza: Ediciones del Canto Rodado, 1999. p. 60-130.

GOMES, A.J.S.; RESENDE, V.R. **O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 20, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

GUIMARÃES; D.R. **Responsabilidade Civil: Abandono Afetivo**.
Universidade de Brasília Faculdade de Direito. Brasília. 2013.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. In C. G. Jung. Obras completas (Vol. 7).
Petrópolis: Vozes, 1978.

LIMA, A. P. P. Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, p. 821-830, 2012.

LOPES, A. M. G. **Indenização moral por postura paterna danosa**. 2010.

LUSTOSA, H. B. E. S. **Família Monoparental: uma análise sobre sua estruturação pela perspectiva dos filhos de mães solteiras na cidade de Santa Cruz, RN**. 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MELLO, R. et al. **Inversão geracional na família**: repercussões da parentalização na vida adulta. *Psicologia USP*, v. 31, 2020.

MENDES, J. A. de A., Almeida, M. P. de, & Melo, G. V. de L. R. **Abandono afetivo parental: uma (re)visão crítica, narrativa-sistemática da literatura psico-jurídica em Português**. *Psicologia Argumento*, 39(105), 2021, p.657–688.

PAPALIA; D.E., OLDS; S.W., FELDMAN; R.D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre. 8 ed. Editora Artmed, 2006.

PEREIRA, R. C. **Pai, por que me abandonaste?** In G. C. Groeninga & R. C. Pereira (Orgs.), *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia* (pp. 219-228). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

PEREIRA, R. C. **Divórcio** – Teoria e prática. Rio de Janeiro: GZ, 2011.

PIRES, M. F. **O abandono afetivo parental**. 2017.
POLLACK, W. **Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens**. 2. ed. São Paulo: Alegro, 1999.

RAMIRES, V. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997

RESENDE, V. R. **A paternidade e o resgate da experiência humana do homem** [Resumo]. Em UNESP (Org.), Anais, III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (p. 46). Bauru: UNESP, 1997

ROSA, L.W. A questão do pai na adolescência. In: GRAÑA, Roberto & PIVA, Ângela (org.). **A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 173-180.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem** (A. Telles. Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANFORD, J. **Os parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 2004

SILVA, J. M. **O lugar do pai: Uma construção imaginária**. São Paulo: Annablume, 2010.

SOUZA, I. de M. **Responsabilidade civil e paternidade responsável: análise do abandono afetivo de filho no Brasil e na Argentina**. 2009.

TARNOWSKI, K;S. PRÓSPERO, E.N.S.; ELSEN, I. A. **A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada**. Texto Contexto em Enfermagem, Florianópolis, v.14, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 02 jul. 2024

TRAPP, E. H H.; ANDRADE R. S. **As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos**. [S. l.: s. n.], 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.